

DF - Invasão

Miséria chega à Praça dos Três Poderes

■ Conjunto de barracos já ganhou apelido de Favela FHC e incomoda Presidência: ordem é retirar do local os catadores de papel

Brasília — Arnildo Shulz

VLADIMIR NETTO

BRASÍLIA — No centro de decisões do país, próximo ao Palácio do Planalto, ao Congresso Nacional e ao Supremo Tribunal Federal, cresce uma favela armada por catadores de papel que vivem do lixo produzido pelos prédios da Esplanada dos Ministérios. A favela, que já reúne mais de 40 barracos, foi batizada recentemente de Favela FHC. Também recentemente, a Presidência da República procurou o governo do Distrito Federal com a seguinte recomendação: quer a favela vazia e os barracos no chão o mais rápido possível.

Mas há um impasse. O governo do Distrito Federal ainda não achou um lugar para alojar as cerca de 160 pessoas que moram ali, em condições miseráveis. Sem garantia de moradia, os líderes dos catadores de papel já avisaram que vão resistir. Não abandonam o lugar, de onde tiram até 30 toneladas de papel por semana, vendido a R\$ 0,18 o quilo.

Numa estratégia para minar a resistência dos favelados, as autoridades do governo local decidiram cortar a fonte de renda dos catadores. O governo assinou um convênio com o Ministério da Administração Federal, e, agora, todos os prédios da Esplanada devem separar o papel para o Serviço de Limpeza Urbana, que o leva direto para uma usina de reciclagem. A ideia do governo — empregar os catadores na usina —, no entanto, não é bem aceita pela comunidade.

"Lá não dá para trabalhar. Ganhamos menos dinheiro (R\$ 50 ao invés de R\$ 150) e, por causa do chei-

ro, não consigo nem comer depois", afirma o catador Fausto de Jesus, 35 anos, um dos mais antigos moradores da favela. Com medo de ficarem doentes e não conseguirem alimentar suas famílias, os catadores preferem buscar papel em outros pontos de Brasília, como o Banco do Brasil. Mas continuam vizinhos do Palácio do Planalto.

Camuflados — E não é só atrás do Congresso que surgem barracos. Em vários pontos da área entre o Palácio do Planalto e o Palácio da Alvorada, vivem pessoas subempregadas ou miseráveis. Segundo o governo do Distrito Federal, há cerca de cem barracos na região. Os catadores mais antigos, cientes que a proximidade com o Palácio do Planalto é quase uma ordem de despejo, se escondem dentro do cerrado onde vivem cercados pela vegetação, e separam o papel recolhido.

Em frente ao Palácio do Jaburu, onde mora o vice-presidente Marco Maciel, e no caminho do Palácio da Alvorada, trilhas levam a uma clareira no mato onde vivem mais de 20 famílias. "Meu pai era catador, e eu cresci mexendo com papel. Lá perto da Esplanada não dá, mas aqui, escondido, acho que fico mais

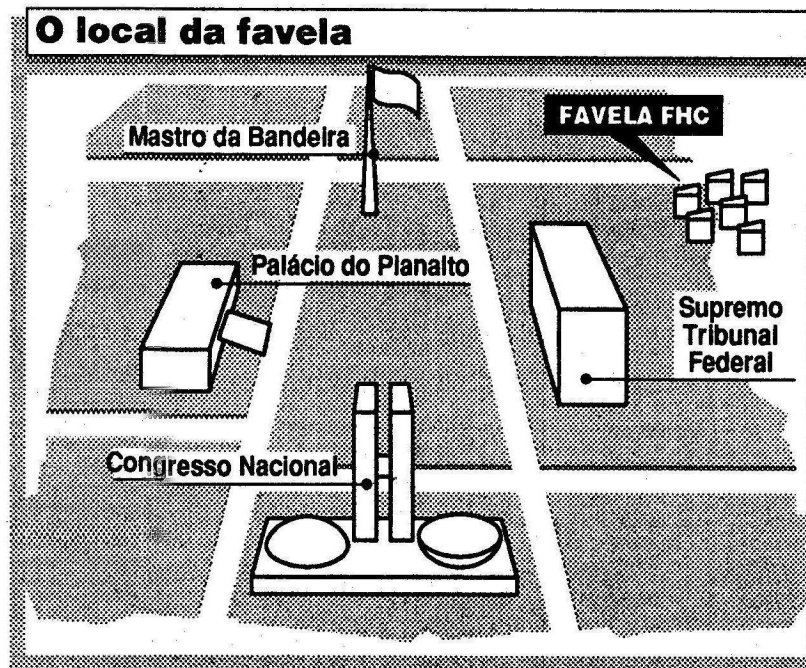
um tempo", afirma Raimundo de Souza, 33 anos, que já conseguiu comprar uma Kombi 76 para carregar o papel.

"O que eles (os catadores) querem é lote de graça. Mas nós queremos mudar a equação que existia antes, que era: invasão = a doação de lote. Existe, em Brasília, uma ideologia do lote de graça, mas eles vão sair", afirma Sebastião Carneiro, presidente do Grupo Executivo de Trabalho para tratar das Ocupações Irregulares de Brasília (GETURB), que está à frente do processo de desmonte da Favela FHC.

"É isso mesmo, a gente sabe que não pode ficar aqui, mas se não derem um lugar para a gente ficar, podem até tirar, mas a gente volta", diz o catador Damião da Conceição, 43 anos. Damião já foi retirado do lugar onde vive por cinco vezes. Sempre voltou. "Nós vamos limpar a área. Senão, estamos correndo o risco de estarmos patrocinando a criação de uma nova Baixada Fluminense. E é uma área federal. Os poderes da República estão ali", afirma Sebastião.

Os moradores da favela concordam com Sebastião na questão do aumento da violência, até por viverem isso diariamente. Com dificuldades de conseguir papel,

os catadores têm levado suas carroças cada vez mais longe, estão ganhando menos, e não levam os filhos para o trabalho. Com isso, as crianças passam o dia brincando na favela e, quando a fome aperta, vão para a rua pedir dinheiro. "E até roubar. É por isso que os ricos estão encontrando cada vez mais pedintes pelo caminho", analisa o catador Damião, apontando um indicador social de miséria cada vez mais visível em Brasília.



Catadores de papel vivem do lixo produzido pela Esplanada dos Ministérios e prometem resistir ao despejo